http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/acriseii.htm

A Autoridade Abalada

A CRISE

DO CATOLICISMO - II

Sacudido por mil formas diferentes e ousadas de pensamento e religiosidade,
o Ocidente dá sua resposta ao monopólio de autoridade espiritual que a Igreja
vem impondo – ou tentando impor – há dois mil anos.
A tentativa de recuperar o velho status tem levado
a situações mais comprometedoras e perigosas ainda.
Este artigo completa o publicado na edição anterior de Planeta.

Olavo de Carvalho
Revista *Planeta* # 111, dezembro de 1981

Durante dois mil anos a Igreja teve o monopólio, no Ocidente, da autoridade espiritual. Desde o meio de século passado, entretanto, essa situação mudou, pois apareceram *muitas* correntes, entidades e organizações que, reconhecendo a existência de um Deus ou de um sentido geral da existência, arrogam-se o direito de interpretar seus desígnios *melhor* do que a Igreja Católica. Esse fato disseminou entre as populações ocidentais o *individualismo religioso,* de modo que hoje praticamente todo mundo crê que interpretar a vontade de Deus é matéria de foro íntimo de cada um, sem nenhuma obediência a critérios fixos, dogmas, regras ou disciplinas externas.

Aberto o primeiro precedente pelo protestantismo, a Declaração da Independência norte-americana estabeleceu formalmente o «direito inato» de cada ser humano cultuar a Deus «como bem entendesse», o que não significa apenas reconhecer o direito à existência de muitas religiões, mas o direito de cada indivíduo interpretá-las segundo seu próprio subjetivismo, e independentemente de qualquer preparo, conhecimento anterior ou qualificação moral e intelectual.

O leitor de hoje, acostumado a esse fenômeno, talvez não se dê conta do seu caráter absolutamente excepcional e espantoso. Em todas as épocas e lugares, a religação do homem com sua fonte metafísica foi sempre um

empreendimento coletivo, que reunia pessoas e grupos divergentes no reconhecimento comum de um sentido único da existência. Isto, evidentemente, não invalidava a existência de uma multiplicidade de caminhos pessoais, mas afirmava a verdade óbvia de que esses caminhos convergiam para o mesmo ponto, do mesmo modo que os raios de uma circunferência convergem para o centro. Havendo entre o homem mundano perdido na multiplicidade e o santo reabsorvido na unidade central distintos graus de proximidade e afastamento entre a periferia e o centro, a religião, por seu caráter popular, representava uma primeira instância para a reunificação, ao alcance de todos.

Quadro do século XV, de pintos flamengo:
Cristo revive Lázaro. Um mistério bem explicado?

O Individualismo no Bojo das Rebeliões Modernas

O individualismo religioso – que não pode ser confundido com um simples princípio de tolerância e convivência das religiões, pois representa justamente a anulação de todas as religiões em favor da sentimentalidade e imaginação individuais – surge, portanto, no século passado, como um reconhecimento da impossibilidade de qualquer consenso quanto às verdades últimas, e como a afirmação do primado da multiplicidade sobre a unidade. Ele é, por um lado, a forma mais extremada de idolatria, pois eleva cada ego individual à categoria de sua própria divindade, numa inversão verdadeiramente «satânica» da sentença segundo a qual «a verdade habita no interior do homem», que passa a ser interpretada como se o interlocutor do homem não fosse o Logos único e eterno mas as fantasias arbitrárias do psiquismo de cada um.

Por outro lado, ele representa uma confissão oficial e ostensiva da bancarrota da inteligência humana, no momento mesmo em que está, espantada ante seus próprios feitos tecnológicos – sucedâneos meramente sensoriais e pirotécnicos da síntese intelectual reconhecida como impossível --, parece mais orgulhosa e enfatuada do que nunca.

A Experiência Direta Superando o Discurso

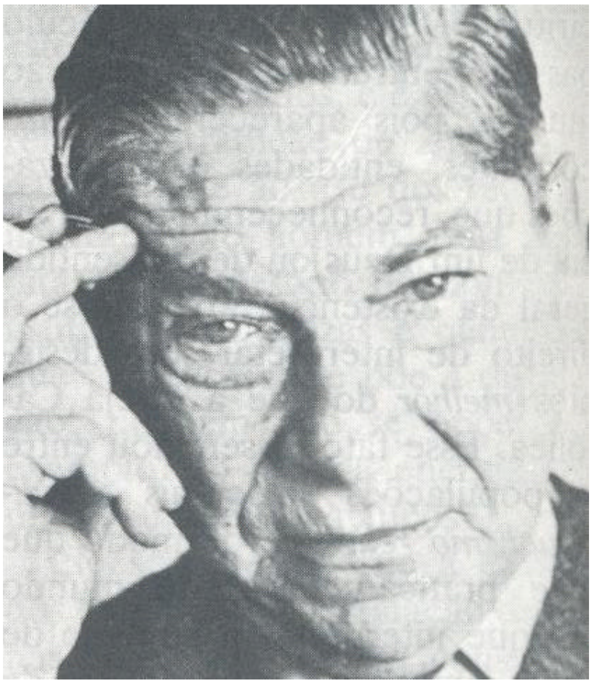
Está mais do que claro que todos os sentimentos de absurdo, incongruência e fragmentação de que se queixa a sensibilidade moderna (e das quais a arte dos últimos cem anos representa uma exposição de dimensões macrocósmica) derivam precisamente da rebelião moderna. Por um lado, rebelião contra o dogmatismo «irracional» da religião, o que seria até compreensível em nome do primado da inteligência; mas, por outro lado, rebelião também contra as disciplinas tradicionais e a metafísica pura, que poderiam levar a uma certeza inteiramente intelectual das mesmas verdades que a religião afirma pelo dogma e pela fé.

O individualismo na religião evidentemente abre as portas a todas as teorias e doutrinas puramente imaginárias e arbitrárias, que entram em concorrência no mercado livre para se afirmarem vencedoras ou perdedoras unicamente em função dos dotes propagandísticos e demagógicos maiores ou menores dos seus «mestres». Tais doutrinas, que proliferam como pragas no solo fértil da confusão, do desespero e do orgulho, podem assumir, indiferentemente, uma forma religiosa ou científica, ideológico-política, filosófica ou artística e

sentimental; delas se vive (não raro muito confortavelmente) e por elas também se morre.

Vejamos alguns exemplos dos modos de ação do individualismo na religião e espiritualidade:

1) Para não começar por uma vulgaridade, mas por algo que tem foros de «pesquisa científica», vejam a atuação da «escola histórica», no século passado, bem como a «crítica textual» que é praticada em nossas universidades ainda hoje. Partindo do pressuposto (inteiramente pressuposto, isto é, sem prova alguma) de que os textos sagrados das religiões não são sagrados, nem de fonte eterna, mas simples documentos históricos, a crítica textual procura «restituir» o seu «sentido original», reportando-os aos fatos políticos, sociais e econômicos do momento em que foram escritos.



A. Koestler: o silêncio de Deus.

Aparentemente, isso é bastante racional. Mas ocorre que todos os textos sagrados são transmitidos dentro de uma tradição de ensinamento oral que deve completá-los por certas disciplinas e práticas. Isto é, nenhum texto sagrado pode ser interpretado, de forma alguma, *de fora* da tradição a que pertence, por mais dados e documentos de que se disponha, pois a parte mais significativa da interpretação vem justamente através da transmissão oral e direta. Isso quer dizer, pura e simplesmente, que o maior historiador da melhor

universidade européia tem menos autoridade sobre um texto sagrado do que o mais inexperiente noviço no aprendizado da tradição correspondente. Inclusive porque a carga de ensinamentos diretos é tamanha e tão complexa que jamais poderá ser reconstituída por escrito.

Quadro de Sandro Botticelli:
São Zenóbio expulsa demônios.
O demônio?

O mais novato praticante de uma linha tradicional de taichichuan, por exemplo – e eu mesmo sou um --, sabe que há mais densidade intelectual num único movimento dessa arte, com toda sua carga simbólica, do que em tudo que os

orientalistas escreveram sobre a China. De resto, no começo do século René Guénon já disse tudo o que era possível dizer sobre os orientalistas, e não há necessidade de insistir nisso.

Mas, para terem uma idéia de quanto a «erudição» acadêmica pode errar o alvo apesar de todas as suas precauções «científicas», vejam um exemplo. A Biblioteca *Life* publicou uma série, assinada por prestigiosos historiadores, que incluía um volume sobre a história do Islã. Nas ilustrações – de «primoroso colorido», como é o costume – reproduzia-se, como curiosidade, um bestiário, isto é, uma coleção de desenhos de animais. Nas legendas, o autor informava tratar-se de uma obra entre ingênua e estranha, só explicável pela «mentalidade exótica» dos orientais, pois ao lado de animais verdadeiros incluía seres imaginários, sem nenhuma distinção explícita; entre eles, um curioso pássaro, desconhecido dos ornitólogos, chamado *simurgh.*

DDD Celeste: o Fone Fora do Gancho?

Ora, qualquer estudioso da Tradição sabe que, no Islã, o simurgh jamais foi um pássaro, mas um símbolo, o símbolo da espiritualidade pura, e por isso mesmo chamado o «rei dos pássaros», como se lê na obra do grande mestre sufi Farid-ud-Din Attar, *A Assembléia dos Pássaros.* Do mesmo modo, os demais «bichos» do bestiário também não são bichos, mas símbolos de distintas fases do aprendizado sufi, os chamados «estados espirituais».

A questão toda resume-se nisto: a erudição universitária julga que a simples formação de historiador e o conhecimento de alguns documentos histórico pode substituir, na compreensão dos textos sagrados, a verdadeira prática da disciplina tradicional, o que resulta dizer que o conhecimento «por ouvir falar» vale mais do que a experiência direta.

2) Como resultado desse tipo de estudo meramente indireto e alusivo, as camadas intelectuais modernas foram cada vez mais conferindo sentidos grosseiramente «históricos» e políticos aos textos sagrados – abrindo, portanto, as portas, por um lado, para a «dessacralização» de algo que só deixou de ser sagrado porque deixou de ser compreendido, e, por outro, para a apropriação arbitrária do seu conteúdo por movimentos políticos ou demagógicos de todos os matizes. Estes permitem-se, hoje, tanto utilizar uma falsa doutrina pseudo-oriental do «carma» para legitimar a opressão econômica e a injustiça quanto apropriar-se de sentenças do Evangelho para promover lutas sociais que visam a objetivos puramente materiais ou políticos,

ou ainda um «humanismo democrático» que, por ser adocicado como um musical da Metro, não deixa de ser um estímulo à ilusão e à vaidade. De um lado e de outro, trata-se de um rebaixamento intelectual como jamais foi visto em toda a história, rebaixamento que em si mesmo, por estar na raiz causal de todos os males contemporâneos, é mais grave do que todas as «injustiças sociais» e as «subversões» que a elas se opõem.

3) Esse rebaixamento ajudou a que se disseminassem, pela Europa e as Américas, textos e doutrinas pseudo-orientais – inventadas por pessoas que nos próprios quadros da religiosidade comum bem poderiam estar totalmente desqualificadas – que, na ausência de critérios firmes, passam por orientais e por amostras da mais alta espiritualidade.

4) Claro que, nesse panorama, o sentido metafísico – ou mesmo meramente moral e religioso – dos textos se desvanece, como se o espírito se visse obrigado a desaparecer de cena por uma simples questão de higiene, para não compactuar com os abusos de parte a parte. No meio de tamanho lixo intelectual, os mais sensíveis naturalmente queixam-se de «não encontrar» Deus em parte alguma, e diagnosticam: «Deus morreu», ou, como diz Arthur Koestler, «Deus deixou o telefone fora do gancho». Muitas especulações teológicas ou pseudoteológicas do nosso tempo têm nisso sua origem e sua explicação, e não será preciso estender-me sobre cada uma em particular.

Eclodem Magia e Bruxaria Variadas

5) Finalmente, a última e não menor conseqüência da perda da síntese medieval é a eclosão da magia e da bruxaria sob todas as formas. Originariamente, a magia, como todas as suas variantes operacionais, é uma ciência tradicional, inserida no quadro de uma doutrina metafísica e encarregada de demonstrar a aplicação dos princípios universais ao domínio mais limitado do mundo sensível. Esta aplicação pode ter finalidades didáticas – o manejo das forças sutis da natureza funcionando como um «apoio simbólico» para ajudar a apreensão das essências metafísicas – ou práticas, entre as quais ressaltam-se as de ordem médica; em nenhum desses casos, entretanto, a magia tem existência autônoma, pois é apenas o reflexo da doutrina no mundo sensível e, tradicionalmente, «ciência é aplicação da doutrina». De fato, pelo seu caráter prático e sensível, ela é considerada, em certos casos, uma das mais inferiores entre as ciências tradicionais, já que, em estágios mais avançados do aprendizado, não há necessidade de um apoio sensível tão grosseiro – pressupõe-se que o estudante já tenha se tornado capaz

de apreender as realidades metafísicas de maneira mais direta, e, neste caso, práticas como a magia são simplesmente abandonadas no meio do caminho.

Alquimia, um Exemplo da Tradição Degenerada

Entretanto, de todos os conhecimentos que compõem o mundo tradicional, a magia é, pelo fato de produzir «efeitos» sensíveis, a mais próxima da sensibilidade moderna, já que a ciência atual se limita precisamente ao mundo dos efeitos e dos fenômenos sensíveis, sem ter em conta os princípios universais de natureza metafísica e sem mesmo conceber a sua existência.

Por isso, não é de se estranhar que, ante a desaparição da síntese medieval, os conhecimentos mágicos se transformassem repentinamente de inferiores em superiores, e que acabassem por dominar todo o mundo da cultura.

É nesse sentido que René Guénon afirma serem as ciências atuais nada mais do que resíduo, degenerado e mal compreendido, das ciências tradicionais evaporadas. Um exemplo bem conhecido é o da alquimia. Esta ciência comportava dimensões espirituais que foram totalmente perdidas no mundo moderno, e não espanta que os textos alquímicos, de natureza puramente simbólica, passassem a ser interpretados de forma grosseiramente material e operacional, dando origem à química atual. Esta consiste apenas numa manipulação material sem nenhum sentido simbólico, cuja «exatidão matemática» é unicamente um arremedo de uma atividade intelectual verdadeira, já que seu «rigor» é de natureza apenas externa e formal. Todo mundo sabe que a química nasceu de resíduos puramente sensíveis das pesquisas alquímicas, transmitidos sem nenhuma compreensão doutrinal por incultos auxiliares de laboratório, os «sopradores». Mas muitos químicos orgulham-se dessa origem espúria por julgar que ela demonstra seu «apego aos fatos sensíveis», falsamente tomado como sinônimo de rigor intelectual.

Entretanto, nem todos os resíduos e fragmentos das ciências tradicionais puderam ser absorvidos pela ciência moderna, uma vez que esta comportava, ao menos, esse aspecto externo de rigor matemático. As parcelas restantes, inassimiláveis em termos científico-experimentais, formaram a matéria-prima para o surgimento do ocultismo e da bruxaria modernos.

Isso não impede, evidentemente, que o desenvolvimento da linguagem científica acabe por absorver também, progressivamente, muitos desses

resíduos «irracionais», e que, assim, certos truques e operações antes considerados puramente «ocultistas» passem a ser aceitos dentro da cidadela científica, como se vê pelas pesquisas atuais em torno de fenômenos parapsicológicos, hipnose, telepatia, telecinésia, etc. Isso em nada altera a questão, e o único ponto que interessa assinalar é que ocultismo e ciência são *partes mutuamente complementares do resíduo deixado pelas ciências tradicionais* e que, nesse sentido, são gêmeos idênticos, apresentando uma proximidade cada vez maior que os une, hoje, num desejo comum de «produzir efeitos» e numa ignorância comum dos princípios doutrinais de que emanam.

A Redenção, a Fé, a Crise e a Busca

Nada há de casual no fato de que a ficção científica (praticada, não raro, pelos cientistas mesmos, como é o caso de Arthur C. Clarke e Isaac Asimov, entre tantas figuras «respeitáveis» do mundo universitário contemporâneo) retome em sua linguagem própria, os velhos temas da bruxaria medieval, como o da fabricação de «homens» em laboratório, e que, portanto, ciência moderna e bruxaria antiga estejam unidas no mesmo culto ao satanismo e na mesma ignorância de toda verdadeira espiritualidade. A monstruosidade chega aqui a níveis verdadeiramente impensáveis, pois se na Idade Média distorções como a bruxaria eram implacavelmente reprimidas, hoje em dia o manejo indisciplinado e enlouquecido de forças naturais – sob o pretexto de uma «pesquisa» que, não podendo conduzir a verdade alguma, transforma-se em finalidade por si mesma – é oficialmente aplaudido e fomentado como uma das mais altas atividades do intelecto humano, com resultados que a devastação ecológica, a proliferação das armas atômicas e o aspecto sinistramente disforme das vítimas da talidomida ilustram com perfeição.

Alquimistas medievais tentam a transmutação de elementos inferiores pelo fogo: conhecimento que foi degenerado.

Em conclusão, está claro que a crise atual do catolicismo não é senão a crise da espiritualidade em geral, ou melhor, a crise de uma humanidade que, tendo perdido praticamente toda espiritualidade, perdeu também a compreensão das suas formas específicas mais simples e populares, como o são as formas religiosas, entre as quais o catolicismo é apenas um exemplo.

De fato, a existência de uma gnose ou *philosophia perennis* mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a «fé» tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de «crença», pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, «mais forte ainda que uma certeza matemática».

No entanto, isso não elimina o fato, óbvio em si mesmo, de que, para a massa comum dos seres humanos, um caminho de ascese intelectual e de conhecimento está barrado pelo desejo mesmo de «viver» e desfrutar das sensações, que é a ocupação normal e corrente da maioria; e que para estes, portanto, a única via possível é a da fé religiosa, que não requer qualificações intelectuais maiores, mas apenas a boa-vontade, que deve ser o apanágio comum de todos os homens, independentemente dos seus dons intelectuais.

Gloria in excelsis Deo: e que junto dele, na suprema beatitude da unidade metafísica finalmente realizada, repousem eternamente os príncipes do conhecimento e da santidade; *et pax in terra hominibus bonae voluntatis:* aos que não estão destinados a tais alturas, resta a perspectiva de uma redenção final por meio da fé, que não é mais do que uma boa-vontade da alma. Essa fórmula da Igreja latina expõe de maneira exemplar a tradicional divisão em dois caminhos, o grande e o pequeno, a «via dos deuses», representada pelo signo do Capricórnio, e a «via dos antepassados», representada pelo Câncer – ou ainda, em termos mais atuais, *esoterismo* e *exoterismo.* Sistematicamente, a negação da espiritualidade tradicional parte daqueles que não têm a qualificação intelectual para o esoterismo, nem a boa-vontade de aceitar naquilo que não compreendem.

Perigosas Alianças com Correntes Profanas

Está claro que a crise do catolicismo, sendo de raízes tão profundas e de dimensões tão vastas, não pode, em hipótese alguma, ser enfrentada pelos meios puramente político-sociais e propangandísticos em que lamentavelmente vemos o clero enredar-se, e que mostram apenas o comprometimento deste com as formas de pensar mais frontalmente contrárias à causa que defende. Na maioria das análises oficiais da Igreja sobre a crise atual, o que se observa é uma atenção demasiada aos aspectos sociais e estatísticos, ao lado de um silêncio completo sobre os lados mais graves do problema.

Talvez o indício mais significativo da incompreensão de largas faixas do clero a esse respeito seja o fato de que a Igreja, apesar co Concílio Vaticano II, continua com uma atitude reticente perante as demais tradições religiosas (por exemplo, as indígenas), enquanto não hesita em fazer alianças puramente ocasionais e demagógicas com correntes de pensamento puramente profanas, quando não decididamente materialistas, como o marxismo e a psicanálise.

Provavelmente embalada, ainda por dissensões de uma outra época, a Igreja talvez não tenha percebido que, nos índios que indagam aos anjos (através dos sinais), símbolos da mata e dos animais, nos muçulmanos que se ajoelham cinco vezes por dia ante o Altíssimo, no chinês que reconstitui a recordação da Origem pelo «fio» dos movimentos do tai-chi, e em todos os homens que, no mundo, buscam a Deus sob as formas mais variadas e aparentemente exóticas, o cristão encontrará aliados mais firmes e confiáveis do que em todos os intelectuais pedantes, em todos os gurus de universidade e em todos os líderes de massas.

Uma breve história, que será também a conclusão final destas considerações, ajudará a ilustrar melhor isso.

Uma vez, o cacique Juruna estava com dores reumáticas e foi buscar tratamento na academia do nosso amigo comum, Michel Veber. Durante as massagens, ele ficou cantarolando alguma coisa em xavante, e lhe perguntaram o que era.

Era uma prece, uma das mais freqüentes na sua tribo. Invocava a Deus por dois nomes diferentes, vale dizer: por dois atributos distintos. Por um lado, falava d’Ele como o Eterno, o Imutável, o Absoluto. Era o Deus da metafísica, aquele que está acima de todas as concepções e representações humanas. Por outro lado, referia-se a Ele como o Pai, o Afetuoso, o que nos acompanha e nos protege: o Deus do amor, do oculto e da devoção.

Era o mesmo Deus. Só que tinha, pelo fato de ser Deus, o dom de ser ao mesmo tempo o mais alto e o mais próximo, o mais inacessível e o mais calidamente familiar.

Ouvindo essa explicação, que foi gravada por Michel como uma verdadeira aula de metafísica, não pude deixar de lembrar a dupla fórmula muçulmana, *el rahmân, el rahím*, que tinha estudado nos livros de Frithjof Schuon sobre o Islã. *El rahmân* é o aspecto global e abrangente da divindade, de que provém o mundo criado, como uma expressão magna de sua misericórdia total; *el rahím*, o seu aspecto, por assim dizer, pessoal, a face que apresenta a cada ser individualmente, por mais insignificante que seja.

Essa noção estava ali, explicada em língua xavante, exemplificando ao vivo a «unidade transcendente das religiões» de que fala Schuon.

Que tem essa história a ver com a crise do catolicismo? Na realidade, todas as transformações históricas pelas quais passam as religiões – e «crise» deve ser entendida apenas como uma forma particular aguda de transformação histórica – só podem ser compreendidas se levarmos em conta esse duplo aspecto da divindade, ao mesmo tempo «transcendente» e «imanente» na terminologia escolástica, isto é, ao mesmo tempo imutável e histórica, eterna e vivente. Quem não ama os paradoxos, desista de falar de Deus. E quem julga isto demasiado complexo, que pare de se julgar «civilizado» em face dos xavantes.

Eternidade e História: Revendo e Agindo

A dupla face de Deus na prece xavante é reconhecida em todas as tradições espirituais do mundo. Por paradoxal que pareça, ela é facílima de entender e nos conduz ao coração mesmo da crise do catolicismo.

Se existe uma verdade, ela é imutável ou não é verdade de maneira alguma. Entretanto, o ser humano que conhece essa verdade é mutável, temporal, contingente. Isso significa que toda verdade, que o seja verdadeiramente, deve apresentar um número *indefinido* de formas, uma para cada ser humano, uma para cada ser humano, uma para cada momento e lugar, sem deixar nunca de ser ela mesma. Para usar um exemplo banal, se desenhamos um triângulo, ele deverá fatalmente ser um triângulo isósceles, ou retângulo, ou eqüilátero; em suma, deverá ter alguma das formas possíveis de triângulo, que será, para cada vez que o desenharmos, uma forma concreta e particular, diferente das outras. Nenhum deles, entretanto, deixará de ser triângulo. Isso significa que a forma universal

«triângulo» que dá sentido a cada triângulo particular está presente em todos eles, sem que nenhuma esgote nunca em todas as suas possibilidades.

Guénon, por Pierre Laffilée:
a fé como uma certeza digna da matemática.

Deus – o Absoluto – está presente em todas as religiões e formas espirituais autênticas. É o mesmo, eterno e imutável. Mas as religiões são formas históricas, que têm um começo e um fim.

Agora, se Deus é eterno, está acima de todas as durações. *El Rahmân* está acima dos tempos e lugares. Mas e *el rahím*, quanto tempo dura, sendo a face que Deus tem para cada ser? Simples: dura o tempo que cada ente em particular dure; e ele terá, desse Deus, um conhecimento pessoal e particularmente seu, intransferível.

Isso nos levaria a uma conclusão, de resto óbvia, mas que nos dias de hoje deve parecer espantosa: cada religião é *integralmente verdadeira*, sem ser por isso a *verdade integral*. Ou seja: nada pode ser alterado em nenhuma religião, pois cada uma é expressão perfeita da verdade, tal como um triângulo retângulo é efetivamente e integralmente um triângulo, sem nada perder para o isósceles. Mas não é a única religião possível.

Logicamente então, todas as especulações do século passado sobre a «fusão» das religiões para formar uma «religião universal» são absurdas: equivalem a exigir que um triângulo seja isósceles e eqüilátero ao mesmo tempo, para com isso sem «mais triângulo».

Pelas mesmas razões, é impossível que uma religião, qualquer que seja, se proponha como superior às outras; mas, pelas mesmas razões ainda (o que já não será tão agradável aos ouvidos de hoje), nenhum indivíduo concreto pode «superar» a religião em que está.

Se esse raciocínio vale para as várias religiões, deve valer também para os distintos momentos históricos de uma mesma religião. Se cada religião é verdadeira, tem de ser *integralmente verdadeira em cada uma das suas etapas históricas*, sob pena de um triângulo poder deixar de ser triângulo por alguns instantes.

Uma religião, enquanto tal, não pode transformar-se, sofrer «crises», deixar de ser verdadeira por um único instante que seja, mesmo depois do seu desaparecimento histórico, ou mesmo *antes* de ter existido historicamente. Terão as verdades do pitagorismo deixado de sê-lo, pela simples razão de que não existem mais pitagóricos? E já não o eram antes?

Isso significa que toda abordagem puramente histórica -- que não se interesse pela verdade interna da religião, mas apenas pelas transformações contingentes do seu aparato externo – é inteiramente insuficiente para entender a religião, e fatalmente para entender as suas transformações. Se nos abstemos de crer na verdade do catolicismo, como poderíamos falar de crise? Algo que nunca foi bom não pode tornar-se ruim. E, se aceitamos ess verdade, temos de aceitar também que ela não entre em crise: *nós* é que estamos em crise, pois já não conseguimos apreendê-la, nem, *a fortiori*, apreender as distorções que nós mesmos, neste momento histórico, estamos fazendo com ela. Pior ainda: essas distorções não a alteram de maneira alguma, mas alteram ... a nós.

O que há para ler

JACOB NEEDLEMAN, *The Sword of Gnosis* (Baltimore, Penguin Books, 1974);
FRITHJOF SCHUON, *Gnosis, Divine Wisdom* (Patês Manor, Befont, Middlesex, Perennial Books, Ltd., 1959);
RENÉ GUÉNON, *Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps* (Paris, Gallimard, reed.);
SAYYED HOSSEIN NASR, *O Homem e a Natureza* (trad. brasileira, Rio, Zahar, 1978);
MARTIN LINGS, *Ancient Beliefs and Modern Superstitions* (London, Unwin Books).

http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli2.htm

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

Professando demonstrar que sou um autor que “não merece muita atenção”, o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não “estudou” a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu “muito prezado Felipe”, como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica

contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abdico, pois, da vaidade de examinar as extensões pedagógicas, e atenho-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

Texto-Confissão de Olavo de Carvalho

"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'" (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in *Planeta*, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).

Muito prezado Felipe, salve Maria!

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa “salvação pelo conhecimento”, é um autêntico *non sequitur.* “Salvação pelo conhecimento” é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a “salvação pelo conhecimento” é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode

deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A "superioridade" a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do conhecimento espiritual, e por isto este último é "superior" à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é "superior" enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio "esotérico" que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo "Tua fé te salvou", proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está *de facto* subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo *gnose*, tal como usado genericamente por mim – e aliás também por Clemente de Alexandria – com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é "um de meus mestres"? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, *Comprendre L' Islam*, p. 173).

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão "pela fé". A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo *gnose* o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em *Planeta*. Dos demais, afirmei apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação; que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da "última vontade expressa do autor" impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num "processo" montado para danar a reputação de um homem!

Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois *gnose* significa "conhecimento" e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta diferença que alguns autores empregam a distinção de *gnose* e *gnosticismo*, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da "salvação pelo conhecimento". O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a "salvação".

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos "acusado" e "confissão", obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e *defensor fidei*.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de "segunda realidade", como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele "cortou seu próprio pescoço" – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina "delírio de interpretação", um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como *sociopatia*, e que é a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo *amor Dei* jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espiões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatar a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a *superbia*, a *libido dominandi* de um chefe de seita.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho